

## **Igreja Apostólica Ministério Comunidade Cristã:**

### **Um Empreendimento Neopentecostal**

Rosivaldo Pereira de Almeida

“De fato, não é mais necessário o suporte de qualquer força religiosa, e percebe-se que as tentativas da religião de influenciar a vida econômica, tanto que ainda pode ser sentida, é uma interferência injustificada, tanto quanto uma regulamentação por parte do estado”. (WEBER, Max, 1905, p. 60).

“Uma definição sociológica da religião é uma definição da religião enquanto parte da dinâmica social influi sobre ela e dela recebe um impacto decisivo. Uma definição sociológica da religião é uma definição da religião como fenômeno social, fenômeno social imerso numa complexa e movimentada rede de relações sociais”. (MADURO, OTTO, 1980: 41).

Podemos observar que a religião enquanto um fenômeno social, muda a medida em que a sociedade passa por transformações econômicas e políticas.

Se analisarmos a sociedade feudal no que se refere às relações políticas e econômicas no contexto do período medieval e o imaginário religioso que prevalecia, de certo modo havia uma relação intrínseca uma vez que tal sociedade direcionava a religião com pressupostos da ideologia cristã.

Da mesma forma a reforma protestante que foi um movimento religioso de adequação aos novos tempos (uma vez que o modo feudal estava em declínio a Igreja Católica Apostólica Romana também entrou em decadência), uma nova sociedade se estruturou a partir do desenvolvimento do capitalismo, um ajustamento de idéias e valores às transformações socioeconômicas da Europa uma vez que:

“As religiões são filhas de seu tempo”, e, mais concretamente, filhas da economia, mãe universal de todas as sociedades humanas. Sob essa perspectiva, a reforma se transformava em “filha daquela nova forma econômica que surgiu no século XVI e se impôs rapidamente no mundo, o capitalismo”. (DELUMEAU, JEAN. 1973: 38).

“Quem quer que não se adapte seu modo de vida às condições do sucesso capitalista é sobrepujado, ou pelo menos é impedido de subir”. (WEBER, MAX; 1905 p. 60).

Verificamos que para o progresso da burguesia mercantilista a doutrina da usura deveria ser desconstituída para dar lugar a novos ideais que legitimasse a prática lucrativa do comércio, é exatamente neste contexto histórico que o discurso da ética protestante foi aplicado para que houvesse adaptação no novo modo de vida e de produção.

Em uma perspectiva histórica vamos analisar sistematicamente a gênese e expansão deste novo empreendimento religioso em função da doutrina neoliberal, no pensamento capitalista.

De fato: conforme LE GOFF (1991: 92): “Pode-se considerar suspeita uma religião que mistura tão facilmente Deus aos negócios, exige-lhe êxitos terrestres e talvez superticiosamente, faz a fortuna defender da proteção divina”. Em uma sociedade capitalista globalizada em que a população na sua maioria detêm somente a força de trabalho e grande parte dela vive abaixo da linha de pobreza com inúmeros problemas sociais, econômicos, e de ordem psicológica emocional os movimentos neopentecostais

inseridos no contexto neoliberal de economia, transformaram o discurso pentecostal clássico procurando adequar-se às necessidades e desejos de uma público alvo aplicando técnicas de gestão empresarial e marketing para superar o paradigma da pentecolização.

É nesse contexto que o discurso de prosperidade e auto-estima torna-se atrativo no mercado religioso. Relacionado a esta tese Silveira Campos (1997: 204) acrescenta: “A transformação do campo religioso em mercado religioso é uma consequência da força homogeneizadora do mercado sobre o comércio religioso”.

Nessa perspectiva o neoliberalismo enquanto doutrina econômica e força mercadológica direciona o campo religioso agregando novos princípios que fundamentaram o neopentecostalismo.

Valorizando o individualismo conforme, BIANCHETT (1996: 73): “Os objetivos individuais devem ser soberanos e isso implica reconhecer no individualismo o juiz supremo dos próprios objetivos”.

O homem neopentecostalizado está sempre a procura de sua felicidade, buscando superar seus próprios limites através de conquistas, mesmo que sejam materiais.

Cumpra-se a lógica de neoliberalismos na perspectiva de que: “A tendência natural do homem é a busca de sua própria felicidade e essa busca atomizada produz a um equilíbrio dentro da sociedade e a um aumento do bem-estar de todos”. (BIANCHETT, 1996:28)

A igreja neste pensamento não é mais vista somente como um lugar de “redenção” da alma e sem como prontos-socorros “espirituais” onde não há somente “curas” e

libertações “mas também um lugar onde ocorrem consultorias empresarias e relacionais uma vez que fomenta-se as resoluções de problemas envolvendo Deus aos negócios e nas relações humanas onde: “Os objetivos individuais devem ser soberanos e isso implica reconhecer no indivíduo o juiz supremo dos próprios objetivos” afirmou BIANCHETT, (1996: 73).

Neste âmbito as igrejas que fazem parte do movimento neopentecostal são reprodutoras do pensamento individualista neoliberal e promover a partir dos discursos teológicos a cultura do consumo uma vez que o que mede a “benção de Deus” na vida cotidiana de uma pessoa é a quantidade de bens conquistados que ela possui.

Relacionando a essa tese Vergara (1984: 76) acrescenta: “Cada homem seria um indivíduo, um ser monádico e egoísta cuja relação básica com a realidade é a propriedade irrestrita de si e de seus bens”.

Com o enfoque teórico voltado para os nossos dias o movimento neopentecostal enquanto vertente do próprio pentecostalismo original é responsável pelas transformações teológicas e estruturais, que tem provocado o crescimento de tais igrejas que se apropriam e propagam um discurso da teologia da prosperidade.

Esta por sua vez pode ser entendida como um conjunto de princípios que afirmam que o cristão verdadeiro tem o direito de obter a felicidade integral, e de exigila, ainda que durante a vida presente sobre a terra, baseados em algum texto isolado na Bíblia Sagrada os neopentecostais defendem que a “salvação” empreendida por Jesus deve-ser começada a partir do momento em que este o aceita como messias (salvador) pois no evangelho de João (10:10) diz: “O ladrão vem senão a roubar matar e destruir mas, eu vim para que vós tenham vida em abundância”. (grifo R A)

Essa vida em abundancia para os neopentecostais inicia aqui na terra, acompanhada do cumprimento dos desejos individuais se baseiam em Salmos 37:4,5 que diz:“Deleita-te no senhor e ele te concederá os desejos do teu coração entrega os teus caminhos ao senhor confira nele e ele tudo fará.”

Nessa perspectiva se a pessoa agrada à Deus e o servir em “espírito” e “materialmente” falando o próprio Deus se encarrega de ajudá-la atendendo os seus desejos individuais. Relacionando a isso Jesus através do evangelho de Marcos (11:23,24) contribui:

“porque em verdade vos afirmo que se alguém disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebeste, e será assim convosco.”

Em relação à esta parte da literatura bíblica os pregadores da prosperidade fomentam que pelo uso da fé o ser humano pode realizar grandes conquistas no campo “espiritual” e principalmente no material.

- A salvação para os neopentecostais não representa sofrimento e simples ato de redenção mas, também a propriedade material a partir do livramento da pobreza.

Desde que esta fé seja acompanhada pelo sacrifício. Um dos maiores pregadores da teologia da prosperidade Edir Macedo (2001:46) diz:

“todas as coisas da vida tem o preço do sacrifício. Tudo tem o seu preço. Se o objetivo que eu quero alcançar é muito alto, e tão alto será o preço do sacrifício que terei de pagar. Quanto maior é a conquista, maior também será o sacrifício para consegui-la.”

O que movimenta as igrejas neopentecostais a partir da teologia da prosperidade são os “desafios de fé” que consiste no ato de se sacrificar financeiramente através das campanhas e votos. Nestes, há trocas entre o homem e Deus, Macedo, Edir.(2001:45):

“O sacrifício inclui o ato de renunciar voluntária a alguma coisa, em troca de outra muito mais valiosa. É a menor distância entre o querer e o realizar e incluir a troca. Muitos que se dizem cristãos ou religiosos evitam falar desse assunto, mas a grande verdade é que na relação entre o ser humano e Deus está sempre presente o dar e o receber”.

Portanto na máxima da teologia da prosperidade segundo Mariano (1999:149):

“o mundo seria lócus de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas, a teologia da prosperidade veio coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação ao mundo de várias igrejas pentecostais aos valores e interesses do “mundo”, isto é, à sociedade de consumo”.

Nessa perspectiva as transformações ocorridas nas bases do sistema capitalista com a consolidação do neoliberalismo, o movimento pentecostal clássico com o seu sectarismo e ascetismo entrou em declínio uma vez que o rápido processo de modernização do país a partir da década de 70 e a implantação do neoliberalismo na década de 90 diversas lideranças pentecostais optaram por adequar-se os seus discursos de renúncia ao materialismo “mundano” pelo discurso de prosperidade conforme Maduro (1980:109):

“Esse processo de submissão do campo religioso à dinâmica da dominação de classe dominantes em conseguir consolidar sua dominação e instaurar sua hegemonia [...] tanto mais eficaz há de ser esse esforço de submeter o campo religioso à dinâmica da dominação de classe, quanto menos consciência explícita houver do processo que esta realizar”.

A igreja Apostólica Ministério Comunidade Cristã, surge no contexto do neoliberalismo, e no discurso de prosperidade que é pregado há o incentivo para o consumo uma vez que: o que mede o grau de benção de Deus na vida de uma pessoa é a quantidade de bens materiais que ela conquistou. Nos testemunhos facilmente percebemos esse elemento consumista. O que se busca no cotidiano é a felicidade integral, Dinheiro, saúde, bens móveis, imóveis, estrutura familiar, e para isso é necessário pagar o preço. Participar das campanhas de prosperidade e de sacrificar-se financeiramente nos desafios de fé para ficar livre de todas as maldições do diabo.

Portanto, diante deste espectro, vemos a mensagem cristã sendo deturpada e perdendo a sua essência por razões mercadológicas e pelo pensamento egoísta e individualista do sistema capitalista neoliberal. Nos resta denunciar este tipo de cristianismo que segue a lógica do mercado e que vende fé como se fosse uma mercadoria.